

# Cidades: redes e resistência

Mário Sérgio  
Marco Bin  
Mônica Rebecca  
João Krüger

## Resumo:

### Nossa análise propõe o debate

acerca dos modos de resistência no mundo urbano contemporâneo, a partir das percepções subjetivas e das vivências coletivas. Assim, abordaremos temas que nos levam à reflexão do modelo econômico atual e as possibilidades de uma vida (e de uma cidade) mais sustentável, tais como: o crescimento urbano nestes tempos de globalização e suas conseqüências nas relações humanas; a riqueza da cultura marginal, que aflora nos guetos esquecidos das metrópoles como marcas de identidade local; os ruídos de um mundo industrializado, que substituem a sensibilidade de nossas percepções e de nossos comportamentos, e por fim, a necessidade de respostas urgentes contra a agressão ambiental e o bem-estar social, a partir da organização de uma resistência cidadã, como a que presenciamos atualmente no Movimento Nossa São Paulo.

## Palavras-chave:

idades, globalização, paisagem sonora, periferia, resistência.

## Abstract:

### This article discusses the ghettos'

resisting movements against globalization in urban spaces. An outsider culture that fights for identity in the hard times of mass culture and globalization; the tension between market-oriented economic growing and the silence of a new perception. It urges to face nature's destruction and to preserve mankind. We believe that an organization like MSP is one of the possible answers to improve a new active citizenship and to fight against globalization and its terrible consequences to the present and the future generation and nature itself. We have to support all efforts for sustainable development.

## Keywords:

ities, globalization, soundscape, ghettos, resistance.

## As globalizações

Mário Sérgio

Não é fácil uma definição sobre a globalização. As análises, primordialmente, centram-se na economia: o poder de um novo capitalismo financeiro, na abrangência das chamadas corporações, velocidade ilimitada da acumulação condicionando uma "mercantilização" dos conhecimentos, alteração nas condições de concorrência das empresas, padronização das práticas comerciais no plano mundial, a desregulamentação dos mercados de capitais, realocação geográfica dos investimentos produtivos, gigantesco volume de informações e interações transnacionais, onde a empresa privada está substituindo, aos poucos, o Estado como ator principal. E o resultado desta enorme reengenharia capitalista foi e é a crescente "desmaterialização" da moeda, convertida em informação eletrônica.

Porém, para Boaventura de Souza Santos em seu texto "*As tensões da modernidade*", estas novas tensões do capital só podem ser compreendidas, de forma mais profunda, se evidenciadas suas dimensões sociais, culturais e políticas. Afirma o sociólogo português: "Aquilo que habitualmente designamos por globalização são, de fato, conjuntos diferenciados de relações sociais; diferentes conjuntos que dão origem a diferentes fenômenos de globalização. Nestes termos, não existe estritamente uma entidade única chamada globalização; existem, em vez disto, globalizações; em rigor, este termo só deveria ser usado no plural".

Por outras palavras, não existe um conceito único, singular e determinante da nova disposição mundial. Qualquer análise mais abrangente deve ser do tipo processual, pluralista, nos seus exemplos

e determinações. E por que? A resposta: enquanto feixe de relações sociais, as globalizações envolvem conflitos não apenas diferentes, mas divergentes nos seus conteúdos, discursos de vencedores e vencidos.

As implicações fundamentais destas afirmações clareiam a importância de um perplexo fenômeno: a localidade, ou melhor, que a globalização é sempre um processo bem sucedido de designação de uma raiz local, uma cultura específica de enraizamento, elevada a uma ordem universal. De fato, vivemos tanto num mundo de localização como num mundo de globalização.

A preferência de denominação pelo último termo é explicada em termos do poder político em que os "globais" dão o tom e fazem as regras do jogo. Os centros de produção e significado são hoje extraterritoriais e emancipados de restrições locais. O novo centro de decisões mundiais dá um novo verniz as distinções tradicionais entre ricos e pobres, nômades e sedentários, "normais" e anormais ou à margem da lei. No entanto: é preciso mostrar o que vem "debaixo"!

Nesta mesma ótica de perceber o universal com o regional caminha a análise de Zygmunt Bauman mostrando que está surgindo também uma nova ruptura de comunicação entre a maioria da população, cada vez mais "localizada", e as elites extraterritoriais cada vez mais mundializadas. Estas, cada vez mais cosmopolitas e capitalizadas, buscam no ciberespaço uma extraterritorialidade --- combinação

extraordinária e assustadora do etéreo com a onipotência --- de não vizinhança, de imunidade face a interferências locais, um isolamento garantido, inacessível a qualquer um que não disponha de uma senha de entrada.

Assim, os que não estão "in", sentem-se afastados e forçados a pagar o pesado preço cultural, psicológico e político do seu novo isolamento. São os que são postos "fora da cerca" sem que se pergunte a sua opinião, pois o acesso é facultado apenas aos "invisíveis", novos nômades do espaço virtual que desejam ficar livres de vizinhos inoportunos. O que eles precisam é isolar-se da localidade. Não há necessidade de se comprometer, se basta evitar.

O resultado deste processo é que com as fortificações construídas pela elite e a autodefesa daqueles que estão fora da muralha surgem mais distúrbios urbanos, proliferação de guetos sociais, privatização dos espaços públicos, desintegração da comunidade urbana e conseqüente aumento das xenofobias, intolerâncias, racismos e exclusões. Concluindo: as riquezas são globais enquanto os choques e misérias são locais.





Neste contexto de assimetrias entre a classe capitalista transnacional e as classes subordinadas dos trabalhadores assalariados, migrantes, favelados e os da economia informal a contem situações nada monolíticas que revelam a complexidade de inúmeras globalizações e formas de resistências. São diferentes globalizações. A primeira é o “localismo globalizado” que consiste que determinado fenômeno local é mundializado com sucesso como, por exemplo, a transformação da língua inglesa em universal ou a aceitação do *fast food* americano. A segunda forma é o “globalismo localizado” que se dá no impacto de imperativos transnacionais destruindo condições locais como, por exemplo, na desertificação dos recursos naturais em países pobres para pagamentos de dívidas internas e externas. Concluindo: os países centrais especializam-se em localismos globalizados, enquanto os periféricos sofrem com os globalismos localizados.

Estas duas formas de globalização referem-se aos de “cima para baixo”. Mas existem também os de “baixo para cima” ou contra-hegemônicos. A terceira forma é o comopolitanismo, ou seja, quando os Estados, regiões ou classes subordinadas se organizam transnacionalmente para a defesa dos seus interesses. São as redes internacionais de assistência social, organizações de direitos humanos, redes mundiais de movimentos feministas, organizações não governamentais de militância anti-capitalista, etc. Daí surgem temas tão globais como as questões ecológicas, o estudo da genética, a sustentabilidade da vida na Terra, exploração do espaço exterior. Enfim, o cosmopolitismo surge como um movimento social não somente universal, mas também quando vivido e analisado dentro do campo específico da localidade.

Assim ganha corpo, cada dia mais, o estudo da cidade, como o espaço importantíssimo onde se vive e mora. Não mais analisado em si, mas na interface com o processo de globalização. Ou melhor, o estudo da cidade integrado a uma nova “inquebrantável unidade entre as pressões globalizantes e locais... processo de concentração de capitais..., mas também de concentração da liberdade de se mover e agir”.

Henry Lefebvre em seu livro *O direito a cidade*, percebendo a necessidade de se estudar a localidade dentro de um novo contexto, afirmou que “a própria cidade é uma obra, e esta característica contrasta com a orientação irreversível na direção do dinheiro, na direção do comércio, na direção das trocas, na direção de produtos. Com efeito, a obra é valor de uso e o produto é valor de troca... A cidade conserva um caráter orgânico de comunidade... os conflitos entre os poderosos e os oprimidos não impedem nem o apego à cidade, nem a contribuição ativa para a beleza da obra. No contexto urbano, as lutas de facções, de grupos, de classes reforçam o sentimento de pertencer”.

Assim sendo, é imprescindível analisar o habitat urbano como sinônimo de participação na vida social, procurando nos atores políticos que se confrontam no espaço citadino uma busca de identidades.

Aí nascem os Direitos, mais públicas que privadas, nas relações diretas entre grupos que compõem o todo social, principalmente no aparecimento de movimentos sociais. São relações que estão mediadas entre a ordem próxima das pessoas e a ordem distante das poderosas organizações dos Estados e das organizações do capital.

Em seu plano específico a cidade pode ser decifrada, não só pelas suas injunções de poder do capital mundializado, como também pelas vias - ou pela voz - da teatralização espontânea dos encontros, nas festas comemorativas da vida, nos cortejos da morte, alegria ou desgraça. São os espaços onde se tecem os "pertencimentos" locais a uma determinada cultura, encontrados nas fissuras das ordens planejadas e programadas.

Enfim, nos efeitos nas uniformizações vindas "de cima" é possível encontrar inúmeras glocalizações, isto é, vivências nascidas "de baixo", sentidas determinantemente na cidade, onde o universal acontece, mas o específico não desaparece. É nestas interfaces onde nascem os Direitos concretos do homem: Direitos as idades e dos sexos, Direitos a educação, ao repouso e a preguiça, a participação, o Direito ao lúdico que não se confunde com o preço do viver. Enfim, onde se constitui e transita o Direito a Cidade!

## As redes de resistência nas periferias da metrópole

Marco Bin

Vivemos numa cidade global e não fazemos idéia do que existe em suas bordas. Que mundo se articula, que cultura se expressa, como se ama, como se sonha, como se sobrevive. Para a comodidade de quem vive o cotidiano nos bairros centrais – que podemos denominar *centro econômico* – interessam os fatos práticos da vida moderna, se a meteorologia prevê frio ou chuva, se o tráfego está fluindo, ou como terminará a novela das nove. Permanecemos na construção de uma narrativa histórica preocupada em organizar um discurso hegemônico, de uma cultura cada vez mais rica e paradoxalmente anêmica, paralisada pelo estranhamento dos contrastes cada vez mais incisivos, e sempre eficiente em descartar a compreensão do que lhe é inconveniente.

O que há de errado nesse mito de São Paulo como cidade global é que ele nos apresenta a globalização que queremos ver, no lugar daquela que efetivamente existe. Embarcamos no ritmo alucinado, acompanhamos os fluxos, atentamos para sua escalada, sabemos das decisões nos fóruns globais e seguimos resolvendo nossas dúvidas existenciais no divã, protegendo-nos com nossas ilusões. Em um tempo que se fala de abundância, estamos cercados por uma realidade em que predomina a falta obscena, ou seja, miséria e indignação. Dessas bordas provêm os sons das vozes esqueléticas, que não conseguem repercutir suas dores e suas mazelas. As vozes que se manifestam não ultrapassam o marasmo de suas vidas. Não revelamos a singeleza de Canetti, por exemplo, que diante de uma Marrakech estranha e multiforme, com códigos tão diferentes quanto enigmáticos, procurou apreendê-los em seus pequenos detalhes, suas sonoridades, seus gestos, suas paisagens, para compreender uma cultura inteiramente distinta.

De nossa parte, ignoramos a presença dessa cidade local que nos bordejia, a grande cidade marginalizada em seus direitos e em sua participação, despojada em grande parte dos acessos e benefícios tecnológicos. Temos a ocorrência de uma lamentável segmentação social que se agudiza, e no lugar do *círculo aconchegante* de Tönnies, proliferam os guetos descritos por Bauman. Segundo ele, os *guetos voluntários* são lugares onde quem pode paga por sua segurança, enquanto nos *guetos reais* as pessoas transformam-se em lixo não-reciclável. Estes guetos anunciam a cidade marginal – à margem dos fluxos globais – e sua existência já é por si um sinal de persistência, ou se não nos incomodarmos com o termo, de resistência. As pessoas que aí vivem se locomovem diariamente, vindas das extremidades sul e leste no sentido do centro econômico e hegemônico, buscando visibilidade social integrando-se no dinamismo e na opulência do modelo econômico vigente.

Para além dessa miserabilidade atávica, é possível falar de pequenas ações construtivas, dessa idéia maior de uma rede de resistência, que atua não como compensação, mas como afirmação de uma *identidade local*. Nos guetos reais que compõem a cidade marginal, desconectada e desconhecida, existem grupos que se mobilizam no horário da novela para sonhar novos caminhos, para ouvir o outro e falar de si, para fazer e declamar poesia. Poesias que são feitas como registro da luta cotidiana, dos dramas transformados em arte, dessa maneira toda característica de resistir. Poesias que descrevem vivências, inspiradas no sofrimento das longas jornadas, onde a rima se alimenta da prática freqüente do rap e a malemolência expressa a delicadeza dos versos que seriam, em circunstância mais formal, vistos com desdém.

Embora não tenhamos conhecimento dessa mobilização espontânea, se multiplicam os grupos que por sua dedicada iniciativa, se organizam nas franjas da cidade em busca do encontro, superando de algum modo as vicissitudes impostas pelo abismo invisível da segregação social. O poeta Allan, um dos muitos jovens que movimentam os saraus na periferia, diz de seus temores na vida, o de *não ser respeitado e do amanhã*. Por isso escreve e sonha, enquanto circula como um andarilho moderno, aventurando-se em busca de uma chance para escapar do lixão a que foi condenado. Ele constrói a narrativa de sua vida e de seu grupo social, alertando para o desequilíbrio da sensatez humana.

Como diz o refrão de um rap do Base Negra, "*cabeça pra cima, ache uma saída, não se intimide e lute pela vida*". Quem escreve, declama, e quem declama, sonha com um mundo melhor. Esses jovens se encontram para estabelecer essa dinâmica da resistência local, da retomada do olhar sensível e do gesto sublime.

### **Redes sonoras da cidade: conexões, celulares e desassossegos.**

*Mônica Rebecca Ferrari Nunes*

A cidade glolocal e a periférica, da qual nos falam os textos de Mário Sérgio e de Marco Bin, também ecoa uma paisagem feita de sons, ritmicidades, curvas melódicas, de sons contínuos e

massacrantes. É o musicólogo canadense, Murray Schafer, quem denomina *paisagem sonora* o conjunto de sons que acompanha a nossa vida. A escuta dessa ambiência ajuda a decodificar as transformações de comportamento, os valores atribuídos ao nosso entorno e o poder simbólico que os sons e suas variações exercem. Proponho, então, um recorte: *ouvir* as conexões e as redes sonoras da cidade.

#### *O sentido da audição: sinestesia e intimidade*

É fato que desde a Renascença, com o desenvolvimento da palavra impressa e da pintura em perspectiva, o Ocidente priorizou o olho como a mais importante fonte de informação e, por isso, a imaginação humana passou a ser sinônimo de visibilidade. Mas, nem sempre foi assim. Antes da escrita, o sentido da audição era mais vital do que o da visão, e, mesmo durante a Antigüidade e parte da Idade Média, com a cultura manuscrita, a leitura era para ser feita em voz alta e os textos lidos não tinham características visuais, a exemplo da ausência de pontuação, de parágrafos e da separação de palavras. Aos poucos, os sinais de pontuação foram introduzidos nos textos e, somente no século X, a leitura silenciosa tornou-se usual no Ocidente.

Sabe-se que a audição se aproxima ao tato, pois, quando as freqüências dos sons audíveis são muito baixas, o som passa a ser vibração tátil. Em uma conversação, por exemplo, a intimidade do tato funde-se à sociabilidade da audição, uma vez que a audição é um sentido sinestésico e se presta a experiências coletivas.

Interessante notar que não podemos, conscientemente, desligar os ouvidos. O psicanalista Jacques Lacan afirma que os ouvidos são no campo do inconsciente os únicos orifícios que nunca se fecham, mesmo quando, durante o sono, os estímulos auditivos diminuem. O tímpano, assim como a pele, sempre fica exposto às vibrações

do ar ambiente. Somente um complexo mecanismo mental é que pode proteger os ouvidos, filtrando os sons indesejáveis e facilitando a concentração no que realmente importa.

### *Paisagens sonoras em mutação*

Desde a revolução industrial inglesa, a paisagem sonora vem sendo modificada. Os sons da natureza foram gradativamente substituídos pelos sons do vilarejo, como os sinos das igrejas, por sua vez, abafados pelos sons das máquinas nas cidades.

Uma extensa lista de máquinas e novas fontes de energia, surgidas entre 1711 e 1797, respondem pela lenta inserção de uma linha sonora contínua e massificante amplificada consideravelmente no decorrer das revoluções elétrica, eletrônica e digital. Sabemos que três mecanismos sonoros radicalizaram os modos de percepção do ambiente: o telefone, o fonógrafo e o rádio. Essas mídias potencializaram o som, expandindo o poder simbólico que desenvolvem e inauguraram o que Schafer conceitua como *esquizofonia*: *“o som vocal já não está ligado a um buraco na cabeça, mas está livre para sair de milhões de buracos em milhões de lugares públicos e privados, em todo o mundo, para ser estocado e reproduzido posteriormente”*.

Esquizofonia associa-se à esquizofrenia: sujeito cindido em uma paisagem sonora cada vez mais sintética e nervosa, à medida que os sons não se calam nunca, soam de todos os lugares: em ambientes públicos, em casa, em trânsito, individualmente ou em grupo. E, não raro, sons sinistros seqüestram nosso silêncio.

A paisagem sonora, criada pelas máquinas e pela tecnologia - como os sons dos motores ou das batidas musicais uniformes reproduzidas nos iPods e MP3, gera uma linha sonora contínua, homogênea e com pouca variação, levando-nos a crer que a revolução digital só faz crescer a velocidade com a qual os sons portáteis, serializados e ininterruptos invadem nossas vidas e transformam nosso modo de estar no mundo. A superabundância de estímulos permite que sons e ritmos se anulem uns aos outros, dificultando a concentração, levando o homem paulatinamente à surdez, não apenas no sentido figurado.

### *Conexões, celulares e desassossegos*

Gadgets gravam, reproduzem sons, imagens; vozes de todos os pontos do planeta soam dos telefones móveis. Em meio às cidades contemporâneas, digitais, os produtos audiofônicos cuidam de ampliar vínculos e conexões, porém de modo enfraquecido.

Manuel Castells avalia o individualismo como padrão de sociabilidade surgido pela transformação das comunidades espaciais substituídas pelas redes. A internet é eficaz na produção de laços fracos, uma vez que *“as pessoas se ligam e se desligam da internet, mudam de interesse (...), migram para outros padrões on-line”*.

Por sua vez, a paisagem sonora composta na conexão digital, envolvendo instrumentos audiovisuais, parece também demonstrar *“comunidades de escolha e interação individualizada”*. Entretanto, uma era pós-midiática, liberta da grande indústria de bens simbólicos de caráter massivo, poderá ofertar silêncio?

As conexões vinculam de modo fraco, mas frenético. Uma fala incessante – e vazia - impede o relaxamento necessário ao estado de harmonia, em busca do silêncio positivo, contrário às descrições ocidentais que conjugam silêncio e morte – atribuindo ao silêncio um caráter aterrorizante. De outro modo, o silêncio positivo ajudaria a reconquistar a concentração adequada aos estados contemplativos que dia-a-dia desaparecem de nossas práticas.

Poderíamos pensar no semiótico Yuri Lotman ao afirmar que a cultura compõe a semiosfera, espaço da ação dos signos, da vida de relação e de comunicação. A semiosfera se forma por estruturas nucleares, com sistemas semióticos dominantes, como a paisagem sonora das grandes cidades, mas também há um mundo semiótico que tende para a periferia.

É justamente a interação desses mundos hegemônicos com os mundos das bordas, das resistências, a responsável pelos processos dinâmicos dentro da semiosfera, isto é, pela heterogeneidade e diversidade da cultura, como pudemos perceber com as vozes periféricas que se impõem nas reuniões e nos saraus descritos pelo trabalho de Marco Bin.

Teremos controle sobre os sons que colocamos no mundo rumo ao embrutecimento ou ainda daremos à paisagem urbana beleza e vitalidade?

## **Resistência Cidadã nos Grandes Centros Urbanos**

*João Kruger*

Estamos vivendo no Brasil, e em específico nos grandes centros urbanos, uma situação que obrigatoriamente nos remete a uma séria reflexão. Em menos de um século ocorreu quase que uma inversão total no que se refere às populações rurais e urbanas. No início do século XX, apenas 10 % da humanidade vivia na cidade. Na atualidade, praticamente três bilhões de pessoas vivem nos centros urbanos. Já existem 19 megacidades com mais de dez milhões de habitantes. Esta situação, como é de se esperar, interferiu, modificou drasticamente o ambiente natural. Mas mesmo assim as cidades podem consistir, se transformar num ecossistema. Mas para tanto são necessário ações conjugadas do setor público/estado e da comunidade, isto é, organizar e viabilizar ações de ecologia urbana que impliquem em sustentabilidade econômica, social, energética e ambiental das relações humanas.

O movimento *Nossa São Paulo – Uma Outra Cidade* em meio a outros movimentos ecológicos, tem exatamente este propósito. Inicialmente faz um estudo, diagnóstico localizado, detectando os problemas que cada região/sub-prefeituras da cidade de São Paulo. E na medida que se tem dados concretos, problemas diagnosticados passa-se para divulgação desta situação à comunidade local. Em seguida, envolvendo todas os segmentos de entidades públicas, civis, os cidadãos comuns, organizam-se ações que impliquem em mudanças. Estas mudanças, transformações, que visam a melhoria de vida

da população como um todo, devem portanto também atingir os bairros dos grandes centros urbanos. Nesta empreitada, incluem-se, por exemplo, ações como pensar, redimensionar o *transporte urbano*. Sendo que da forma como ele está organizado hoje em dia, ele serve a uma minoria, e polui cada vez mais. Há necessidade portanto de se investir muito mais no transporte coletivo. E não como se fez nos últimos anos investindo prioritariamente, por parte dos órgãos públicos, em benfeitorias visando a melhoria da circulação dos automóveis, que são usados pela minoria da população das cidades.

São também urgentes ações que regularizem, que reorganizem as habitações periféricas dos grandes centros urbanos, isto é, as favelas. Para tanto há necessidade de uma ação combinada das comunidades locais com os órgãos públicos transformando favelas em bairros. Que implica antes de tudo trazer a cidade informal para a esfera da legalidade. Possibilitando assim a construção de relações cidadãs.

Outra questão que se coloca entre as ações prioritárias é a necessidade de se repensar nas grandes cidades, a gestão *da água e do lixo*. Na maioria dos centros urbanos brasileiros houve significativos avanços no abastecimento de águas o que já não ocorre com o saneamento básico. Considerando que um dos maiores problemas dá-se na poluição de redes fluviais, rios, canais, lagoas e oceanos que recebem líquidos industriais e domésticos não tratados. Pesquisas relacionadas à saúde pública comprovam que 70 % das internações hospitalares no Brasil têm relação com algum tipo de infecção de veiculação hídrica, de forma que o nosso maior problema de saúde pública ainda é o da água contaminada.

Quanto ao lixo, que também se inclui na preocupação do movimento *Nossa São Paulo* vem sendo atacado como um dos grandes problemas urbanos. O lixo está diretamente relacionado ao esgoto, causando inundações, desabamentos, uma vez que a maior parte dos centros urbanos é impermeabilizado com poucos pontos de absorção de água em meio ao concreto e o asfalto. Também aqui os órgãos públicos em sintonia com as entidades civis, com a própria comunidade precisa, atuar em conjunto para mitigar esta situação caótica. A quantidade de resíduos sólidos produzidos nas grandes cidades cresce constantemente. Por tanto os aterros sanitários precisam ser preparados e geridos de outra forma que até aqui vem sendo. Felizmente algumas ações vem sendo articuladas, principalmente no setor da reciclagem, sobretudo no que se refere às latinhas de alumínio. O que porém já não ocorre com os plásticos, um dos grandes responsáveis pelo entupimento de canais, bueiros, enfim, locais de escoamento da água.

Um outro problema denunciado pelo movimento *Nossa São Paulo* assunto do qual a grande maioria da população nem sequer tem informação, é a luta pela redução da toxicidade do diesel fabricado e comercializado no Brasil. O diesel utilizado em áreas urbanas possui atualmente 500 ppm (partículas por milhão) de enxofre. Em outras áreas contém 2000 ppm, quando na verdade deveria conter segundo resolução do CONAMA – Conselho Nacional do Meio Ambiente, no máximo, 50 ppm. Até porque em muitos países não passa de 10 ppm. A redução da quantidade de enxofre, segundo a resolução do CONAMA deveria entrar em vigor a partir de 2009. Porém, a ANP – Agência Nacional do Petróleo, tem protelado os procedimentos necessários para entrada em vigor desta resolução. E assim os fabricantes de veículos e as refinarias não se sentem na obrigação de efetivar mudanças.

O grave problema da utilização deste diesel no Brasil, segundo a Faculdade de Medicina da USP, e de outras instituições da área de saúde, é

que só na cidade de São Paulo, ele tem causado a morte de 3.000 pessoas por ano, já que o combustível é extremamente cancerígeno e prejudicial ao sistema respiratório.

Já foram realizados eventos públicos, inclusive com a presença da Ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, entre lideranças e organizações da sociedade civil, do Poder Judiciário, representantes dos meios de comunicação com intuito de pressionar os órgãos responsáveis de tomarem as devidas medidas para que se diminua o enxofre no diesel, o que esperamos que em breve aconteça.

Assim, levando em consideração, as análises, as denúncias, as diferentes formas de ação que têm por objetivo atingir as mais diferentes áreas, concluímos que resistências aqui e acolá ocorrem. Havendo a necessidade de se propor e viabilizar novos paradigmas na sociedade atual e quem sabe, repensar a própria idéia de progresso. E neste sentido concordamos com reflexão de Edgar Morin quando afirma:

*Trata-se portanto de frear o avanço técnico sobre as culturas, a civilização, a natureza, que ameaça tanto as culturas como a civilização e a natureza. Trata-se de diminuir a marcha para evitar ou uma explosão, ou uma implosão. Trata-se de desacelerar para poder regular, controlar e preparar a mutação. A sobrevivência exige revolucionar o devir. Precisamos chegar a um outro futuro. Essa é que deve ser a tomada de consciência decisiva do novo milênio.*

## Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização, as conseqüências humanas*. RJ: Jorge Zahar Editor, 1999;

..... *Comunidade, a busca por segurança no mundo atual*. RJ: Jorge Zahar Editor, 2003;

CANETTI, E. *As Vozes de Marrakech*. SP: Cosac & Naify, 2006;

CASTELLS, M. *A Galáxia da Internet*. RJ: Ed. Zahar, 2003;

FARIA, José Eduardo. *O direito na economia globalizada*. SP: Malheiros Editores, 2002;

LACAN, J. *O Seminário, livro 11. Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. SP: Martins Fontes, 1985.

LEFEBVRE, Henry. *O Direito a Cidade*, SP: Centauro Editora, 2006;

LOTMAN, I. *La Semiosfera*, vol.I. Madri: Cátedra, 1996;

MANGUEL, A. *Uma História da Leitura*. SP: Cia das Letras, 1999;

MCLUHAN, M. *A Galáxia de Gutemberg*. SP: Editora Nacional, 1977;

MORIN, Edgar e KERN, Anne Brigitte. *Terra Pátria*. RS: Editora Sulina, 2002;

SCHAFER, M. *A Afinação do Mundo*. SP: Unesp, 2001.

TRIGUEIRO, André (coordenador). *Meio Ambiente no Século 21* (vários autores). SP: Autores Associados, 2005.

Na Internet:

SOUZA SANTOS, Boaventura. *As tensões da modernidade* in [www.forumsocialmundial.org.br](http://www.forumsocialmundial.org.br), 29.08.2002.

Movimento Nossa São Paulo: Outra Cidade  
[www.nossasaopaulo.org.br](http://www.nossasaopaulo.org.br)

### Mário Sérgio

Professor de Realidade Brasileira na FACOM-FAAP. Doutor em História (USP/SP).

### Marco Bin

Professor de Comunicação Comunitária na FACOM-FAAP. Doutorando em Ciências Sociais (PUC/SP).

### Mônica Rebecca

Professora de Língua Portuguesa na FACOM-FAAP. Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC/SP).

### João Krüger

Professor de Realidade Brasileira na FACOM-FAAP. Doutor em História (PUC/SP).